

# Uma história contada em três tempos

*Em seu primeiro momento, a UnB foi "embrião de universidade e canteiro de obras" e a preocupação de auto-crítica marcava o comportamento de professores e alunos, que tentavam criar algo sem precedentes. Depois veio um período tenso, repleto de manifestações estudantis e invasões policiais. Hoje, ela tem uma "nova fase bem comportada quando foi se empobrecendo até cair no abismo"*

Helena Daltró

Passados 17 anos de sua implantação, em 1962, apesar do projeto existir desde o governo de Juscelino Kubitschek, portanto desde o início de Brasília, a UnB pode ter sua história contada em três fases distintas: de 1962 até 1965, época em que a equipe de professores, entre eles, Oscar Niemeyer, Nelson Pereira dos Santos, Pompeu de Souza, Roberto Salmeron, Décio Pignatari, David Carneiro, Cláudio Santoro, Afonso Arinos Filho e Flávio Tavares, tendo à frente o professor Darcy Ribeiro, foi desarticulada com a invasão policial-militar no campus, após a revolução de 1964; de 1965 até 1968, um período tenso e repleto de manifestações estudantis e invasões policiais; e de 1969 até este ano, quando, segundo um ex-professor que não quis ser identificado, a UnB começou sua nova fase «bem comportada, que foi se empobrecendo até cair no abismo».

O jornalista Pompeu de Souza, atual presidente da ABI, dirigiu a faculdade de Comunicação, o Centro de Teledifusão e o Seminário de Problemas Brasileiros. Como ele mesmo disse, «os professores trabalhavam 48 horas por dia, não eram nem 24. Mas, a gente se entregava ao projeto de maneira empolgante». E explicou como era a UnB aquela época.

No primeiro semestre de 1962 a UnB funcionava no prédio do Ministério da Saúde. Já no segundo semestre começou a funcionar no campus, entre aulas dadas em áreas descobertas, barracões de madeira e salas propriamente ditas. Segundo Pompeu, a UnB nessa época era «um embrião de universidade e um canteiro de obras».

Os vários cursos iam sendo implantados com o nome de cursos troncos, até que fosse efetivado por completo o projeto de Darcy Ribeiro. Os dois primeiros cursos troncos foram de Letras, Economia e Administração e Arquitetura e Urbanismo. Niemeyer, nessa época, já fazia parte da equipe e estava implantando o CEPLAN — Centro de Planejamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade. Depois vieram os institutos centrais, as faculdades e unidades complementares que constituíam, a grosso modo, a estrutura acadêmica da UnB.

Os institutos eram oito: Matemática, Física, Química, Biologia, Geo-Ciências, Ciências Humanas, Letras, Artes e Teologia Católica, «prá quem pensa que queríamos uma UnB comunista», frisa Pompeu. Estes institutos porém não chegaram a ser concretizados devido à desarticulação da universidade. O instituto de Teologia Católica tinha convênio com a Ordem dos Dominicanos, da qual era governador o Frei Mateus Rocha, escolhido para ser o diretor do instituto.

Esses institutos visavam ministrar o estudo do ensino e da pesquisa nas áreas básicas das ciências, humanidades, letras e artes. O aluno que desejasse ser cientista ou pesquisador, ficaria estudando nos institutos e poderia, após seu curso, participar da universidade.

Já as faculdades eram escolas profissionais. Haveriam tantas faculdades quantas fossem as profissões. Pompeu frisou contudo que «o básico eram os ins-

titutos, onde todos os alunos estudavam durante dois anos para então passar às faculdades. Nas unidades complementares haviam cursos que aperfeiçoavam o ensino universitário. Eram centros de permanente convergência cultural da comunidade de Brasília». A única unidade implantada foi o Centro de Extensão Cultural. «As outras — disse Pompeu — eles não deixaram».

Havia também o Seminário de Problemas Brasileiros, que reunia os professores, alunos e parlamentares para discutirem os problemas da sociedade brasileira. Segundo Pompeu, todos os professores «tinham também a preocupação de se autocriticar, pois a criação da UnB era sem precedentes, sem pontos de paradigma no Brasil». Essas reuniões eram feitas uma vez por semana e aberta a todos os estudantes.

No segundo semestre de 1962 começou a funcionar, oferecendo um total de 48 cursos diferentes, o Centro de Expansão Cultural. «Foi empolgante. Nos nossos momentos de descanso, à noite, dávamos os cursos de extensão. Isso funcionou até a destruição da UnB». Esses cursos tratavam dos temas mais variados «e o nível era ótimo». Havia desde curso de alfabetização até mecânica quântica, além dos cursos para pós-graduação».

Os cursos realizados em sua grande parte no Auditório Dois Candangos, eram abertos a toda a comunidade de Brasília, e o mais famoso deles foi o de Apreciação Cinematográfica, que lotava o auditório da Escola Parque. Paulo Emílio Sales Gomes coordenava o curso.

Segundo Pompeu, uma das maiores preocupações de Darcy Ribeiro era dar a Brasília a dimensão cultural de uma Capital de República. «Havia uma população transmigra, transferida, e as oportunidades culturais eram pequenas. Darcy costumava dizer que era preciso evitar que Brasília se tornasse um burro goiano». A UnB seria o centro de referência cultural dessa comunidade. Um centro de inquietação cultural».

A UnB era um fenômeno a nível de pensamento. Ela era a busca da saída para os problemas brasileiros. Era muito informal. O professor contava, tinha voz. A UnB não tinha verdades definitivas, e esse é o caminho para se encontrar a verdade», afirmou Luis Humberto, ex-professor da UnB, arquiteto que trabalhou na coordenação do Instituto Central de Artes da universidade.

Nosso projeto foi inspirado em Anísio Teixeira, a maior autoridade em Educação no país. Nós queríamos construir uma autêntica universidade no Brasil, uma universidade que nada tinha a ver com as faculdades autônomas, isoladas, autárquicas, das quais se tinha notícia no Brasil. Tinhamos como pontos de referência as universidades de países desenvolvidos, tanto nos Estados Unidos, quanto nos países socialistas. Mas não queríamos fazer transplante. Inclusive porque dá rejeição. O projeto visava atender às necessidades do Brasil. A ideologia da universidade foi a nossa dívida nas duas lealdades que seguíamos: lealdade aos padrões internacionais do saber e lealdade à busca de solução dos problemas brasileiros. Sem nada

pré-fabricado, pré-moldado, na caixa preta, mas com um processo permanente de revisão, com verdades contingentes e relativas».

— Era essa a nossa preocupação — acrescentou Pompeu — elevar ao máximo o saber, fazer uma universidade em que o estudo, a pesquisa e o ensino servissem em benefício do país, tão espoliado e com um povo tão sofrido. Acharam que isso era subversão.

— As pessoas gostavam do que faziam na UnB. Existia uma grande união entre os professores, alunos e funcionários. E muita gente pensa que a UnB de Darcy era puramente de ideologia esquerdista — o que é absolutamente inverídico. Todos se engajavam nas suas duas lealdades ao saber internacional e à resolução dos problemas brasileiros, mas não existiam apenas pessoas com ideologias esquerdistas», disse um ex-aluno.

«Naquele tempo o aluno que terminava a aula ia para o restaurante, chamado Pioneiro e administrado pela Dona Margarida. Ninguém ia pra casa depois da aula. Havia uma união muito grande. Era uma comunidade. A UnB pagava aos seus funcionários a metade da condução. Aquele tempo era um tempo de alegria. Os alunos e professores tinham diálogo», lembra um ex-funcionário.

Durante as invasões policiais-militares no campus, dentre fatos graves, espancamentos e até tiros em estudantes, aconteceram, contudo, alguns acontecimentos pitorescos. No dia 10 de abril de 1964, um dia após a invasão chefiada pelo coronel Darcy Lázaro, da guarda-presidencial, nome que fez lembrar a Pompeu o ditado «um Darcy criou e outro Darcy matou», saiu estampada nas páginas do Correio Braziliense uma bandeira que todos supuseram da China Comunista, para provar que havia feito material subversivo na UnB. Mas, a bandeira, para surpresa de todos, era do Japão.

A polícia mineira, que invadiu o campus ficou, segundo Pompeu, «aquartelada no Teatro Nacional. E como poucos sabem, foi pra isso que ele serviu». Pompeu lembra ainda que na madrugada do dia nove, foi feita uma «verdadeira operação de guerra, como se a UnB fosse uma praça de guerra. O campus foi cercado de metralhadora como se eles fossem invadir um país vizinho e como se nós tivéssemos armas».

Na biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, foram apreendidos pelos militares livros do francês Le Corbusier como sendo do brasileiro Rolam Corbisier, que era considerado subversivo.

Ainda na ocupação militar do dia nove, «única operação militar realizada pela revolução», segundo Pompeu, foram presos nove de uma lista de 11 professores em poder dos militares. Três deles, Oscar Niemeyer, Pompeu de Souza e Cláudio Santoro, não foram presos porque estavam, respectivamente, na França, no enterro do sogro no Rio de Janeiro e gripado, segundo Pompeu.

Darcy Ribeiro, desde o dia dois de abril já se encontrava foragido no Uruguai. Após isso foram nomeados pelo regime militar dois interventores (reitores) chamados «pro-tempore» (provisórios), Zeferino Vaz que os militares ig-

noravam ser um dos convidados de Darcy Ribeiro para dirigir a escola de Medicina, e Laerte Ramos, «que veio mesmo para nos destruir».

— Foi um período tenso. Havia várias provocações por parte da polícia. Havia crise localizada principalmente nos departamentos de arquitetura e Comunicação. Era difícil identificar se as manifestações eram autênticas ou manipuladoras. Era realmente um período confuso, conturbado, lembra o ex-professor.

— Certa vez apareceu um caminhão do DOPS de supressa e os estudantes quebraram o carro. Foi a maior confusão. E os policiais nos provocavam muito. Havia crise geral no ensino brasileiro. Foi um período terrível. Havia invasões no OCA (antiga casa dos estudantes) e na Colina, e todos eram obrigados a abandonar suas casas. Era uma guerra de tiros, muita violência totalmente desnecessária, conta um ex-aluno.

— Em 1967 houve na biblioteca uma manifestação estudantil contra certa aquisição de livros pela universidade. A reitoria da época estava ciente que os estudantes iam protestar. A polícia então invadiu o local, fechou a porta da biblioteca, e os estudantes apanharam em recinto fechado. Jamais vou esquecer de algumas cenas daquele dia, conta o ex-professor.

— E nessa invasão da biblioteca, houve estudante que ficou dois dias trancado no banheiro pensando que a polícia ainda circulava no campus. Foi horrível, afirmou o antigo funcionário com o cartaz do Comitê Brasileiro Pela Anistia na mão, aonde existem várias pessoas tidas como desaparecidas. «Era tão amigo deles», disse apontando para as fotografias de Ana Rosa Kucinski, Honestino Guimarães, Stuart Angel Jones e Carlos Alberto S. de Freitas.

— Hoje a UnB é uma universidade voltada para coisa nenhuma. O grau de desinformação por que passamos nestes últimos quinze anos tornou as pessoas indiferentes ou medrosas. A juventude não está acostumada, como era antes, a debater seus problemas, a discutir e participar da vida da cidade e procurar soluções para a defesa dos seus direitos», diz Luis Humberto.

— O que segura o Azevedo na UnB é a sua competência como homem da revolução. Ele é um agente do Cenimar competente. E tentou me envolver, por volta de 1968, para que eu voltasse à UnB, se fazendo de vítima ao afirmar que o projeto do Dary era impossível de ser implantado porque a UnB era obrigada a dar satisfações para os órgãos de segurança nacional». Hoje, a UnB é um foco de espionagem. Cheia de funcionários do Cenimar», disse Pompeu de Souza.

De um modo geral, a opinião das pessoas ligadas e desligadas da universidade é a de que a UnB terá um longo período para se recuperar da administração do professor José Carlos de Azevedo. «Tudo terá que ser refeito. Tudo. E se tudo continuar como está, o reitor poderá fazer um sucessor, mas acredito que o governo desta vez vai intervir no processo de sucessão, a 25 de maio de 1980, com eleições em dezembro deste ano», afirmou uma fonte.



*A UnB foi palco, desde os primeiros anos de sua criação, até os mais recentes, debates inflamados, grandes mobilizações estudantis, e, constantemente, de violenta repressão policial*